

Hooligans: Violência como Educação

Midiân Tarsis Almeida Guimarães [1]

Entre o final da década de 1970 e início de 1980 os “hooligans” – torcidas organizadas existentes principalmente na Inglaterra – ganharam força, mostrando ao mundo até que ponto alguém pode chegar “por amor” ao seu time. Esses grupos são conhecidos por promoverem atos de vandalismo e violência em estádios de futebol. Assim como outras “tribos” urbanas, os hooligans possuem uma série de ritos que, no fim das contas, acabam em pancadaria. Não é incomum, antes de invadirem os estádios, seus integrantes encherem a cara de álcool e formularem ataques verbais e físicos contra as torcidas adversárias, oponentes que muitas vezes procedem da mesma forma.

Esses “bandos de loucos”, parafraseando certo jogador fenomenal, apareceram recentemente no filme *Hooligans* (2005) da diretora alemã Lexi Alexander. Com o título original *Green street hooligans*, a obra trouxe a temática à tona e, junto com ela, representações dos atos de violência, mau comportamento e a atmosfera que envolve este mundo hostil criado pelas torcidas.

O filme conta a história do jovem norte-americano Matt Buckner (Elijah Wood) que, ao ser expulso injustamente do curso de jornalismo em Harvard, decide ir visitar a irmã Shannon (Claire Furlani) na Inglaterra. Ao chegar Matt conhece o marido dela, Steve (Marc Warren), e o irmão dele Pete Dunham (Charlie Hunnam). Pete acaba introduzindo Matt no universo das torcidas, especialmente da “GSI”, a violenta torcida organizada do West Ham United, da qual Pete é líder. Aos poucos Matt é seduzido pela vida de bebedeira, agressividade e clima de amizade existente no grupo.

Ao se estudar uma obra cinematográfica, ao escolhê-la para reflexão sobre certos momentos da história ou aspectos da sociedade, não é possível tomá-la, sob circunstância alguma, como reprodutora de fatos verídicos. Por isso, não é difícil concluir que os hooligans vistos neste filme são uma visão distorcida e simplificada da realidade desses grupos.

Por um lado, a película apresenta uma série de características pertinentes a esses brigões: o repúdio aos jornalistas e à polícia, as demarcações territoriais de cada torcida, a devoção pelo time e a forma cuidadosa com que eles ingressam nos estádios. Mas ficaram de fora traços relevantes e peculiares aos mesmos como, por exemplo, o engajamento dos hooligans nos partidos de direita ou de extrema-direita, o uso dessas torcidas para promover a xenofobia, ou até a participação de skinheads nestes grupos, contribuindo na difusão de ideais racistas.

Percebe-se que *Hooligans* não mostra relações sociais indo além da camaradagem entre baderneiros, que gostam de se espancar para mostrar virilidade e a força da sua torcida.



Assim, Alexander parece subtrair desse grupo qualquer relação de cunho político. Porém, o problema crucial do filme está exatamente em seu maior propósito, ao fazer certa apologia à violência, promovendo-a como algo positivo. A violência no filme é um processo efetivamente educador. Ela aparece maquiada pela relação entre alguns jovens, uma amizade que faz com que um homem (Matt) se transforme em alguém “melhor” e mais autoconfiante após ter ingressado neste mundo. Enfim, ao assistir esse filme é importante não se deixar seduzir por ele, em nome desta amizade promovida por Alexander, que também é co-autora do roteiro da película. Segundo ela, algumas das situações narradas na obra são inspiradas em sua própria vida. Se por acaso for de interesse fazer uma pesquisa densa sobre este assunto, ela certamente não poderá ser feita baseada apenas neste filme, sendo necessário cotejar outras fontes. Deve-se tomar cuidado, ao assistir Hooligans, para não sucumbir à presença tão marcante da ideologia instigadora de violência e vandalismo como essenciais para a formação do caráter.

Nota

[1] Graduanda em Letras/UFS. Integrante do GET/UFS